

Crise chega ao emprego doméstico

Famílias começam a dispensar empregadas domésticas, ou trocá-las por outra de salário menor

DENIZE BACOCINA

Demorou um pouco mais do que nos outros setores, mas a crise atingiu em cheio o emprego doméstico. O desemprego dos patrões ou mesmo a necessidade de apertar o orçamento familiar para proteger-se dos aumentos nos gastos fez com que muitas famílias dispensassem suas empregadas ou a trocassem por outra que aceitasse um salário menor.

A Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), da Fundação Seade e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos, mostra que o nível de emprego nos serviços domésticos caiu 2,9% em janeiro em relação a dezembro.

No mesmo período, a diminuição foi de 1,7% na média geral. Comparando com janeiro do ano passado, porém, o nível de emprego em janeiro deste ano subiu 1,7%, enquanto na média geral houve um aumento de apenas 0,1%.

Além de empregadas domésticas, esse grupo inclui outros profissionais, como jardineiros, pessoas que fazem concertos domésticos e outros.

As agências de emprego que trabalham com empregadas domésticas sentem essa realidade há alguns meses. "Para cada vaga que aparece, chegam 50 candidatas", diz a proprietária da Agência DSC, Helena Oliveira Aragão. Ela recebe de 15 a 20 pessoas procurando emprego por dia, mas apenas uma ou duas vagas por se-



Margareth Galvão: consultas sobre redução de salário e de jornada

mana. "Desde 94 a situação só vem piorando, mas nos últimos meses piorou muito mais", reclama Helena.

Além das pessoas que perdem o emprego pelos desentendimentos com os patrões, ela atende cada vez mais domésticas demitidas pelos patrões que também perderam seus empregos.

"Muitas donas de casa estão deixando de ter empregada para reduzir despesas ou trocando por outra com salário menor", diz Helena. As poucas vagas que aparecem exigem qualificação bem acima do salário oferecido, e ainda assim o número de candidatas é muito elevado.

Helena conta que recentemente recebeu uma vaga para governanta, com salário de R\$ 1,2 mil, jornada de trabalho de pelo menos 12 horas por dia e folga quinzenal. "A procura foi muito grande", diz.

A proprietária da Agência Gercy, Gercy Ribeiro Afonso, explica que em 30 anos de ex-

periência nunca viu o mercado tão ruim.

"Está tudo parado, todo dia recebo de 10 a 15 pessoas procurando emprego e tem semana que não entra nenhum vaga", diz ela. "Tenho pessoas com muita experiência, com referência, esperando emprego há seis meses e até um ano."

Sem moradia – Lucília Alves Costa, desempregada desde dezembro, está nessa situação. Com 35 anos e 16 de experiência como doméstica, ela até já aceitou ganhar R\$ 400,00, metade do que recebia antes, mas mesmo assim não arruma emprego.

"A coisa está realmente difícil, nem entrevista a gente consegue", reclama. Em julho, ela perdeu o emprego no qual trabalhou por um ano e quatro meses, num apartamento em Moema. Em setembro foi para a Suíça, com uma família brasileira, mas não se adaptou ao país e resolveu voltar.

Como dormia no emprego, além do trabalho, Lucília perdeu também a moradia. Na casa em que ela trabalhava antes, a patroa já arrumou outra para pagar menos.

**AGÊNCIAS
SENTEM O
EFEITO HÁ
MESES**